

**Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:**

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

# A Folia de Reis da Região da Fazenda Campo Grande do Município de Firminópolis

The Folia de Reis of the Campo Grande Farm Region of the Municipality of Firminópolis

La Folia de Reis de la Región Agrícola Campo Grande del Municipio de Firminópolis

**Pablo Fabião Lisboa**

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

[pablolisboa@ufg.br](mailto:pablolisboa@ufg.br)

**Eduarda Tavares Oliveira**

Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, Goiânia, Goiás, Brasil

[oliveira.eduardatavares@gmail.com](mailto:oliveira.eduardatavares@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho apresenta elementos característicos descritivos da Festa de Folia de Reis realizada na zona rural do município de Firminópolis, próximo do município de São Luís de Montes Belos, no estado de Goiás. Revela uma tensão entre a realização da Festa e sua parada, por conta da pandemia da Covid-19 e a possibilidade de descontinuidade deste que é um patrimônio cultural imaterial da região onde se encontra. O arrazoado que pode ser lido nas linhas que seguem, emergiram de pesquisa bibliográfica, de um depoimento realizado por um dos detentores do Bem Cultural e da experiência realizada por um dos autores do artigo ao participar da Festa. Fica

evidente que essa celebração guarda consigo particularidades como a data de sua realização, em julho, e que atrai pessoas da zona urbana de outras localidades, para vivenciar os rituais, sagrados e profanos, permeados pela fé cristã. Esse trabalho compõe o Dossiê: Patrimônio Cultural Imaterial – Festividades da Cultura Popular, no eixo Festividades da Cultura Popular em Goiás.

**Palavras-chave:** Culturas Populares. Festividades. Folia de Reis. Folia do Campo Grande. Memória.

**Abstract:** This paper explores characteristic descriptive elements of the Festa de Folia de Reis held in the rural area of Firminópolis, close to the municipality of São Luís de Montes Belos, in the state of Goiás. It uncovers a tension between the Festival, its interruption due to the COVID-19 pandemic, and the potential discontinuity of what constitutes an intangible cultural heritage of the region. The insights in the following lines arose from bibliographical research, a statement by one of the custodians of this Cultural Asset, and the experience of one of the authors when participating in the Festival. Notably, this celebration has distinctive features, including its timing in July, and its ability to attract people from urban areas of other locations to partake in the rituals, both sacred or profane, permeated by the Christian faith. This paper constitutes the Dossier: Intangible Cultural Heritage – Festivities of Popular Culture, within the axis of Popular Culture Festivities in Goiás.

**Keywords:** Festivities. Folia de Reis. Folia do Campo Grande. Memory. Popular Cultures.

**Resumen:** Este trabajo presenta elementos descriptivos característicos de la Festa de Folia de Reis celebrada en la zona rural del municipio de Firminópolis, cercano al municipio de São Luís de Montes Belos, en el estado de

Goiás, y revela una tensión entre la celebración del Festival y su paralización debido a la pandemia de Covid-19 y la posibilidad de discontinuidad de lo que es patrimonio cultural inmaterial de la región donde se ubica. El razonamiento que se puede leer en las siguientes líneas surgió de una investigación bibliográfica, de una declaración de uno de los poseedores del Bien Cultural y de la experiencia realizada por uno de los autores del artículo al participar en el Festival. Es evidente que esta celebración tiene particularidades como cuando se realizó en julio, y que atrae a personas del casco urbano de otras localidades para vivir los rituales, sagrados y profanos, impregnados de la fe cristiana. Este trabajo integra el Dossier: Patrimonio Cultural Inmaterial – Fiestas de la Cultura Popular, en el eje Fiestas de la Cultura Popular de Goiás.

**Palabras clave:** Culturas Populares. Fiestas. Folia de Reyes. Folia de Campo Grande. Memória.

*Data de submissão: 11/12/2023*

*Data de aprovação: 18/12/2023*

## Introdução

É seguro afirmar que a Folia de Reis é uma das festividades da Cultura Popular mais presente no estado de Goiás. Acreditamos que seja necessária a descrição destas festas e a reflexão sobre sua continuidade e os motivos que podem levar ao seu apagamento, e consequente esquecimento. Cremos que a presente abordagem constitui um contributo para a preservação da cultura do interior do estado, de ordem religiosa por abordar a Folia do Campo Grande, Festa singular de Santos Reis que ocorre, curiosamente, no mês de julho.

O presente trabalho apresenta descrição de alguns aspectos da Festa em tela, qual seja a Folia de Reis realizada na zona rural, do município de Firminópolis, próximo do município de São Luís de Montes Belos, no estado de Goiás. Em nossa pesquisa, encontramos uma certa tensão que advém do relato coletado especialmente para a presente abordagem, que aponta para um possível encerramento das atividades que fazem a Festa acontecer, caso os detentores do Bem Cultural não se organizem.

Para compreender as motivações que inspiram os movimentos desta festividade da cultura popular, foram utilizadas referências de autoras e autores que já pesquisaram sobre festas religiosas populares, a fim

de conhecer as similaridades e distinções que caracterizam as festividades de cunho religioso no interior do Estado, evidenciando os atributos da tradicional e agora suspensa, “Folia do Campo Grande” - nome conhecido da localidade onde acontece a festa, na zona rural do referido município.

O patrimônio cultural imaterial é um ativo importante para a humanidade a partir das suas variedades organizativas. Vemos que a constituição dos estados nacionais que enfatizam suas idiossincrasias como mote para unificar território tendo como fundamento a convergência de ideias, apresentaram-se efetivos quando da criação de nações. Nesse contexto, o patrimônio imaterial como expressão de um povo, revela, dentre vários temas, as festividades da cultura popular, tema do presente dossiê.

No Estado de Goiás, as “folias” são festividades bastante recorrentes em boa parte dos seus diversos 246 municípios. Elas estão ligadas à religiosidade latente do interior do Estado. Logo, cumpre destacar que: “do ponto de vista da cultura, a religiosidade pode ser considerada um conjunto de atividades que se articulam com as crenças e os rituais” (Pelegriani; Funari, 2008, p. 85).

Para obtenção de informações sobre a Festividade da Folia do Campo Grande, lançamos mão do recurso da história oral a partir da aplicação de entrevista pré tabulada com um dos detentores desse Bem Cultural Imaterial, qual seja, um homem de aproximadamente 30 anos, participante da Festa desde criança e que não quer ser identificado, por esse motivo, no decorrer do presente texto lhe chamaremos de João da Silva. A escolha de realizar uma entrevista, deve-se a sua relevância, bem descrita por Romero e Dos Santos (2017):

Por esse trabalho ter como metodologia a história oral, é importante compreender sua relevância, tratando tanto de aspectos importantes como a história e a memória, como também o momento da entrevista. Elas possibilitam, juntas, que a memória seja ativada, com o intuito de narrar e construir uma história de vivências experimentadas no passado. A entrevista nos possibilita, ainda, ter uma escuta sensível daqueles que pensaram e executaram o projeto de governo, escuta tanto de sujeitos singulares e individuais como também de grupos que não puderam ser ouvidos, e neste estudo e agora o são (Romero; Dos Santos, 2017, p. 1).

A partir desta citação, enfatizamos a parte da escuta "de grupos que não puderam ser ouvidos" (Romero; Dos Santos, 2017, p. 1) para, na ausência de políticas públicas que visam a conservação deste Patrimônio Imaterial, destacar a importância dos sujeitos não institucionalizados, mas que detém o

saber e o domínio do Bem Cultural Imaterial. Além do relato, também utilizamos percepções oriundas da experiência de um dos autores do presente trabalho, que participou da Festa algumas vezes, dentre estas a do ano de 2019, antes da pandemia e última vez que a Festa aconteceu.

Ocorre que, mesmo ao apoiar-se em uma única entrevista para compor o relato presente neste trabalho, buscou-se evidenciar a descrição e problematização das Folias, levando em conta que essa festividade pode encerrar-se e recair em um potencial esquecimento, o que não é incomum em Festas das Culturas Populares. A sociedade atual apresenta outras atrações e as novas gerações são assediadas por demandas do mundo do capital, em detrimento das culturas populares tradicionais, que por muitas vezes, pouco aquecem a economia. Quando não se tem engajamento da juventude nestas celebrações, há o temor da descontinuidade, sobretudo por se tratar de um saber que não é propriamente ensinado, uma vez que é aprendido em sua vivência e observação. Nesse contexto, nada mais justificável do que investir em produção acadêmica que descreve uma das muitas Folias do estado de Goiás, como forma, dentre outros objetivos, de preservar esse Patrimônio Cultural Imaterial.



Com as questões levantadas neste artigo, pretende-se entender um pouco da Folia do Campo Grande, apontar os detalhes da Festa e principalmente problematizar sobre a possibilidade do seu encerramento, visto que o atual contexto, em torno de seus preparativos, é cercado por incertezas, o que é latente e, a fim de não recair em esquecimento uma celebração que se consolidou na longevidade de três ou mais gerações.

## **Parecenças e Diferenças: O lugar, o espaço e as tradições**

A Festa de Folia de Reis, que chamaremos neste texto de “Folia do Campo Grande”, da localidade limítrofe entre os municípios de Firminópolis e São Luís de Montes Belos, distantes apenas 5 km um do outro, na região central do estado de Goiás, há aproximadamente 120 km da capital - Goiânia - acontece em fazendas e sítios localizados na zona rural. A Festa é conhecida como "Folia do Campo Grande", em referência a uma das grandes propriedades de terra da região.

Essa festividade é dedicada, entre similitudes e singularidades, às comemorações do dia de Santo Reis, festejado em todo o Brasil a partir das raízes da

formação cristã. Na comunidade do Campo Grande, município de Firminópolis, uma das primeiras diferenças perante às outras Folias de Reis e, que gera questionamento entre os desconhecidos ou os não familiarizados da Festa é a data de comemoração, realizada no penúltimo ou último sábado do mês de julho, pouco mais de seis meses após o tradicional dia de Santo Reis, seis de janeiro.

Tradicionalmente, o dia dos Reis Magos, o dia de Reis, como é conhecido o seis (6) de janeiro, é a celebração religiosa que relembra a viagem dos Reis Magos, oriundos do Oriente. Segundo a narrativa bíblica, os Magos, prováveis homens sábios, seguiram a estrela de Belém até o local que abrigava o recém nascido menino Jesus, para cultuar e homenageá-lo. Por isso, uma das grandes representatividades comemorativas aos Reis Magos, é a peregrinação, em alusão ao trajeto guiado pela estrela de Belém, caminho percorrido por eles, até encontrarem o menino na manjedoura. Nas tradicionais Festas e Folias de Reis realizadas no Brasil, a simbologia dessa jornada é iniciada com a saída e caminhada pelas fazendas ou mesmo nas ruas urbanas, dentro de uma rota pré-estabelecida, logo após o Natal, encerrando-se no dia seis (6) de janeiro.

Na comunidade de Campo Grande, a Folia de Reis é realizada somente no mês de julho, geralmente no último ou penúltimo sábado, em um único dia, sem a peregrinação alusiva à dos reis magos. Mesmo em uma data diferente e consideravelmente distante do dia seis (6) de janeiro, o que se celebra nesta Folia é o dia de Reis. Quando questionados, do porquê desta data, longeva do dia de comemoração oficial nos calendários católicos, moradores e participantes da Festa dividem-se em dois argumentos: 1) o grande volume das chuvas precipitado na região no mês de janeiro, o que dificultava a peregrinação dos foliões e; 2) as objeções em reunir todos que tinham apreço e faziam questão de estar na Festa, no mês de janeiro.

Segundo nosso entrevistado (João), em julho, mais pessoas que moravam fora da zona rural ou em outras localidades mais distantes da região, conseguiam se deslocar até lá, para estarem juntos e garantir o festejo. Quem não conhece a justificativa fundamentada pelos moradores que organizam a festa, ao saberem da data e do nome da comunidade, estranham “O Dia de Reis” em julho, bem como, confundem e questionam o nome do local com a capital do Mato Grosso do Sul, que também se chama “Campo Grande”. Por isso, ao falarem da “Folia do Campo Grande”, é quase imperativo diferenciar e

responder à pergunta: “Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul?”

Ao usar o nome de uma grande propriedade de terra do município de Firminópolis, o intuito é situar os convidados e convidadas, participantes da Festa, nas proximidades de onde acontecerá o evento, ainda que não necessariamente ocorra na referida fazenda, mas no seu entorno. Outrossim, o uso do nome da fazenda pelas pessoas da região e por conhecidos, remete à significação de uma realidade das colônias, conforme menciona Quadros e Barbosa (2019). Na época do Brasil Colônia, o distanciamento dos povos camponeses das igrejas urbanas e do Clero, demandava a construção de um espaço ou mesmo de uma pequena capela, destinada a reunir os fiéis 'das bandas' ao redor, para exercerem sua profissão de fé, pagarem suas promessas e festejar as colheitas e os santos, exercício esse que costumava ser dirigido por pessoas leigas, que acabavam por se tornarem líderes ou guias, gente conhecida naquele círculo e localidade do povo.

Este fato também é evidenciado na voz de um dos relatos do documentário "Viva todos que prestaram atenção" (2015, online), quando um dos entrevistados contextualiza que, "eles começaram essa festa, por exemplo, com a Folia [...] é uma maneira de evangelizar

o povo, né?! Não tinha Padre, não tinha nada." (Cipriano; Clímaco, 2015).

Na fazenda Campo Grande existe este espaço dedicado à profissão da fé católica, uma pequena capela que não se sabe ao certo quando foi construída, mas que se mantém com donativos de moradores da zona rural da sua adjacência. O espaço inclusive passou por uma reforma que melhorou e ampliou a estrutura física. Ali, além de celebrarem a tradicional Festa em louvor a São Sebastião, com missa e animados leilões, entre os dias 06 e 08 de julho, costumam acolher e realizar velórios de parentes e amigos, pessoas queridas e familiarizadas que vivenciaram parte de suas vidas e, por isso, tem a região como um lugar de afeto e pertencimento, elementos que constroem a identidade dos membros desta comunidade e resultam na convergência de uma memória coletiva.

Geralmente, as pessoas veladas na capela são enterradas no cemitério, na mesma região, situado a pouco mais de 2 quilômetros da pequena igreja. O cemitério configura-se como outro espaço construído e guardado pelas pessoas locais, destinado a abrigar os corpos dos entes queridos que deixaram de vivenciar fisicamente o cotidiano e os festejos da comunidade. Mas, um fato curioso, é que apesar de se constituir

como um espaço de celebrações, rituais e/ou reuniões do coletivo de moradores e pessoas próximas a eles, há mais de trinta anos, não se tem registros da realização da Folia na referida capela.

## **Pessoas e círculos: Tem quem separe o sagrado do profano?**

A capela de Campo Grande, apesar de ser um espaço para reunir os moradores católicos da zona rural das mediações, bem como de realização das missas e festividades religiosas, parece ou nos dá indícios de não se configurar como um espaço acessível para todos e todas, no que tangencia o exercício da fé da comunidade de forma geral. O fato da capela do Campo Grande não sediar a Folia de Santo Reis não é discutido abertamente entre as pessoas da comunidade, mas percebemos certa diversidade e discordância de opiniões que são definidoras para a caracterização da festividade.

Um grupo de pessoas que cuida da manutenção da capela e que não é nomeado pelos organizadores e foliões da Folia de Reis, não são personalidades presentes nesta Festa. Os motivos não são expressos direta e verbalmente, mas parecem recair sobre o caráter profano que esse grupo atribui à Folia, o que não acontece na festa em louvor a São Sebastião, recorrente no mês de junho, por exemplo. Na Festa de São Sebastião não é permitido, a quem quer que

seja o festeiro ou festeira responsável pela organização, a comercialização ou consumo gratuito de bebidas alcólicas, bem como qualquer tipo de som, música ou dança, a não ser as músicas sacras entoadas durante a homilia dentro da capela.

Logo, o fato da não permissão de bebidas alcoólicas, parece incorrer em uma tentativa de manter a celebração a mais fiel possível às leis religiosas, a fim de preservar a manutenção do caráter puramente sagrado da Festa, especialmente as que são realizadas na capela. Isso é uma prática exercida por esse pequeno grupo de pessoas que detém o poder de controle, sobretudo pela relação mais direta e próxima que mantém com personalidades da igreja, os Padres e outros representantes, bem como pelo posicionamento de classe, já que possuem uma grande propriedade de terras e, por isso, ocupam uma escala valorizada no **status quo**, no **ethos** da comunidade local.

Outrossim, este grupo não é possuinte e progênie de quaisquer terras, são os donos, filhos, noras e netos da fazenda Campo Grande, o que, de certa forma, cria uma película de tradição, pois essas terras nunca romperam o eixo familiar. São passadas e mantidas com trabalho e empenho dos herdeiros da família, o que gera a manutenção desse *status* perante a comunidade local. Ainda que a nova geração venha com outros ideais, os interesses e

vontades das personalidades ancestrais e tradicionais não são desrespeitadas.

A configuração que é constituída dentro das festividades locais, é reflexo destas interações cotidianas, que se tornam mais visíveis no tempo e espaço de realização das festas. E, a Folia de Reis é, pois, um tempo e espaço de transgressão desse cotidiano, em que os familiares diretamente ligados à fazenda Campo Grande não organiza e não exerce influência. Esse caráter da Festa pode ser traduzido por Caillos (1989) apud Almeida e Souza (2008, p. 30): "A Festa é um espaço/tempo especial durante o qual a ordem social é temporariamente suspensa, um fenômeno caracterizado pelo desperdício e desenfreamento - uma 'transgressão sagrada' que regeneraria a sociedade antes do seu retorno à vida cotidiana."

Desperdício talvez não seja a concepção adequada para os organizadores e participantes da Festa, o que existe é uma preocupação com a fartura, principalmente da comida. Preparam banquetes e esperam uma grande quantidade de pessoas, isso é motivo de satisfação aos festeiros e todas as pessoas envolvidas na organização, o que é percebido na fala e comentários dos agentes no pós festa. O que quase sempre acontece é, quando se faz uma grande quantidade de comida e sobra, reúnem-se novamente os mais próximos, familiares e amigos, no dia



seguinte (domingo), para continuarem a celebração, comerem o que sobrou e não haver desperdício.

É permitido o consumo de bebidas alcoólicas, geralmente os convidados levam a própria bebida e a continuação no domingo é uma programação distinta da Folia, trata-se de uma reunião das pessoas mais próximas, em prol do não desperdício das sobras do jantar, já que a produção da comida é algo de valor para todos, organizadores e convidados, e sempre muito saborosa. Portanto, não acontecem no domingo os rituais religiosos que marcam o sábado anterior, as orações e os cânticos.

João, nosso depoente relata que, já aconteceu da Festa reunir tantas pessoas que não houve sobra de comida, tudo foi consumido no almoço da saída e/ou no jantar da entrega da Folia. Fato como esse é sempre contado com entusiasmo e satisfação - "aquela folia deu tanta gente que não sobrou comida". A saída e a entrega da Folia são os momentos que marcam o início e o final da Festa, respectivamente, e são realizados em locais distintos. Na Folia do Campo Grande, a saída é marcada por um almoço e a entrega acontece no mesmo dia, no jantar, na casa de outro folião. Não existe peregrinação de um lugar para outro, no intervalo entre o almoço e o jantar, as pessoas retornam para suas casas ou para as casas onde estão hospedadas, para se reunirem novamente à noite, no jantar de entrega da coroa e da bandeira, onde serão definidos os foliões do ano seguinte.

Os ritos da Folia são marcados pelas músicas, que entoadas junto aos instrumentos musicais mais comuns (sanfona, pandeiro e violão), tecem todos os momentos da Festa. Geralmente trazem na letra o advento do Natal, o nascimento de Jesus, e carregam uma percussão marcada com um canto lento nas vozes agudas do coro. Essa musicalidade atribui significado ao rompimento do cotidiano e representa a expressão da fé por meio dos cânticos religiosos, os quais, segundo João, são acompanhados com muita afeição pelos mais velhos, que se emocionam ao ouvi-los. Parece-nos perceptível essa magnitude musical, como algo que transcende as orações, na voz do coro e no som dos instrumentos tocados.

Essa capacidade de agregar as pessoas e provocar as efervescências festivas, é significado de alegria e importância. Trata-se justamente de uma ruptura necessária, da vida difícil do dia a dia, ainda que os sacrifícios e o trabalho de preparação da Festa sejam ainda mais árduos. A organização é comunitária e exige dedicação, mas por se fazer coletivamente torna-se possível de ser realizada. Trabalham no fazimento das comidas, na doação de insumos - frangos e galinhas, porcos, vacas e gueroba; na feitura do espaço - corta-se bandeirolas para enfeitar, aparam a grama, constroem barracas com estacas e palhoça e fazem fogueiras.

O trabalho, apesar de árduo, rompe com a rotina de labor da roça. Rompe no sentido que estabelece uma aura diferente na rotina, pois o foco está concentrado na realização da Festa e, a comunidade se envolve de uma maneira próxima e distinta do cotidiano. Logo, o trabalho na roça e o esforço feito para a Festa estão em dimensões distintas. Na primeira, é o emprego de energia em trabalho que se faz para ganho de salário ou gratificação financeira, ou ainda, manutenção da terra de subsistência, e no segundo, as pessoas estão empenhadas e se sentem pertencentes e atores do ato festivo. São sujeitos detentores de um Bem Cultural Imaterial, mesmo que não concebem com clareza essa noção.

Acreditam que este trabalho investido na Festa e a responsabilidade pela sua concretização, se dá por meio da fé. Para os festeiros e as pessoas da comunidade do Campo Grande, Santo Reis é quem intercede, fortalece os ânimos e promove a fartura para que as pessoas se engajem e festejem, promovendo um momento que celebra não somente a fé e as graças recebidas, mas a união entre seus participantes. E, por isso, não eliminam desta festividade as práticas da vida real e do cotidiano.

As pessoas se sentem à vontade para celebrar com danças e bebidas. Geralmente, os festeiros não oferecem bebida alcoólica pelo alto custo que essa oferta geraria, o que poderia dificultar a realização da Festa com gastos

extras, haja vista a quantidade de pessoas que se reúnem, mas não existe nenhuma proibição em relação à isto. Os convidados podem levar a própria bebida e festejarem, desde que não ultrapassem os limites da boa vivência. Os preparativos da Festa não visam dicotomizar o sagrado e o profano, apesar da grande motivação dos trabalhos de realização da Festa serem destinados à comemoração cristã.

Talvez este seja o aspecto que torna a Folia de Reis um momento de transgressão e criação de um espaço com ordens próprias da comunidade de Campo Grande, sem contrariedades e imposições para rituais essencialmente sacros. Como resumem Almeida e Souza (2008), a Festa é como uma segunda vida que não elimina a vida real, ainda que alguns comportamentos distintos sejam assumidos na Festa Popular, não se instaura uma total liberdade, as regras são mantidas na Festa e se imbricam de rituais diferentes e dialógicos, entre o sagrado e o profano.

Não obstante às tensões separatistas que fazem das festividades do Campo Grande, nesta dicotomia entre sagrado e profano, a Folia de Reis é uma Festa da parcela simples da comunidade, sem **status quo** ou relações institucionais, a não ser as relações familiares. São todos empenhados em reunir os recursos e festejar os milagres que já viram e (re)contar as histórias ocorridas nas redondezas, enfatizando personagens e professando a fé que impulsionam as ações para lidar com o cotidiano rural.

## A morte dos foliões e a descontinuidade da folia

A última Folia de Reis, antes da pandemia, ocorrida em julho de 2019, caracterizou-se dramática, no final dos ritos de cantoria, antes de ser servido o jantar. Quando chegou a hora de repassar a coroa, momento no qual alguém se manifesta para ser responsável pela organização dos festejos do ano vindouro e recebe a coroa do atual anfitrião da Festa, surpreendentemente ninguém manifestou interesse em se colocar à disposição. O demorado silêncio gerou comoção entre os foliões e convidados, até que um dos representantes do coro explicou que, na ausência de um festeiro ou festeira, por decisão voluntária dos que ali estavam presentes, a festa não teria continuidade e a coroa seria enterrada naquela ocasião. Enterrar a coroa é um ato simbólico de descontinuidade da Festa, no qual o objeto que é carregado na peregrinação, no caso a coroa dos festeiros que é passada de anfitrião para anfitrião a cada ano, deixa de circular. É como um ato representativo da morte.

Neste momento ficou claro que a Folia de Reis do Campo Grande tinha sua continuidade ameaçada e talvez essa seja uma questão recorrente nas Festas Populares em regiões menores e/ou de menor relevo em termos de quantidade de participantes, se comparadas com as Festas oficiais. As Festas Populares dependem da voluntariedade e das composições da comunidade, aspectos que apesar de identitários, estão em constante mudança com as

configurações sociais, especialmente as observadas no espaço rural. Mesmo que não esteja ligada diretamente com este fato, vejamos o argumento de Almeida e Souza (2008):

Caminhando por via semelhante, Da Matta, ao investigar rituais e cerimônias no Brasil, conclui que os momentos festivos, embora especiais, não devem ser tomados como essencialmente estranhos à vida cotidiana, sendo, ao contrário, instituídos a partir de mecanismos sociais utilizados no dia-a-dia, em especial, o 'reforço' e a 'inversão'. Para Da Matta, um dos elementos básicos dos processos de ritualização é colocar em evidência certos aspectos do mundo social. Trata-se de destacar um elemento 'inflacionando', por assim dizer, aquilo que já existe (Almeida; Souza, 2008, p. 32).

Apesar da citação mencionada anteriormente convergir as incorporações do mundo social às festividades, por meio da ritualização das Festas, a reflexão que ela apresenta pode nos ser útil para interpelar se os novos modos das relações sociais, sobretudo após a pandemia causada pela covid-19, estão ecoando para o distanciamento da comunidade, da realização dedicada a Folia de Campo Grande.

Ao perguntar da importância da Festa para as pessoas da localidade, João nos respondeu e considerou um aspecto importante, chave para compreendermos o quanto a festividade tem sua continuação ameaçada. "Pra mim, é uma festa, mas é um momento de religião, que muitos [...] as pessoas mais antigas que não estão entre nós mais, não

têm como explicar para os mais novos que estão vindo ou para os da nossa geração, e eu acho que daqui dez anos não vai ter mais folia", concluiu o depoente.

Essa consideração de possibilidade de descontinuidade da festa pode estar ligada ao fato de que as pessoas têm interagido cada vez menos presencialmente. Isso parece gerar uma baixa disponibilidade para a realização da festa. Fazemos esse destaque pois está presente no relato de João. Apesar de não saber apontar um ponto específico, para essa dispersão, ele justificou a partir da falta de interesse das novas gerações no domínio deste saber cultural.

## **A salvaguarda ameaça**

No âmbito da preservação dos patrimônios intangíveis, a salvaguarda advinda dos processos administrativos que detectam especificidades da sua estruturação e realização que chancelam os patrimônios, são ferramentas efetivas para que os governos possam ter clareza na hora de formular as suas políticas públicas culturais e ter segurança na aplicação dos recursos da área. Mas o que fazer quando essas festividades são mantidas apenas no plano da tradição e do saber informal?

Como revela Brandão (2013), "a educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que

a criam e recriam, entre tantas outras invenções da sua cultura, em sua sociedade" (Brandão, 2013, p. 10). Já Alves (2009) evoca Brandão (1989) ao interpretar os papéis culturais de aprendizagem que acontecem nas festividades de Falias de Reis, como um saber que se dá espontaneamente pela observação dos seus participantes, pois se trata de uma educação informal. Aqui a "escola" é a festa, guardando as suas singularidades pedagógicas presentes na transmissão da cultura e suas práticas interativas promovidas pelos mais experientes detentores do Bem. Essa transmissão de informações da cultura é efetivada por meio de elementos diversos, como objetos, gestos, sonoridades, espacialidades e todas as performances contidas em uma festa, para utilizarmos os termos destacados por Santos e Rios (2022, p. 4).

Se uma tradição deixa de ser estimulada pelo grupo social que o pratica, existe a iminência da ameaça de apagamento de um patrimônio, seja ele intangível e/ou tangível. O hábito da prática cultural, dentre tantas funções, cumpre com o expediente de salvaguardar. Inclusive, é importante ressaltar que a salvaguarda, que por muitas vezes é entendida de forma separada de um patrimônio, precisa ser elaborada de maneira integrada com as suas práticas. Logo, realizar uma festa e criar o costume dessa prática de maneira permanente, já é por si só o ato de salvaguardar. Corrobora com essa ideia, Canesin e Silva



(1983), quando enfatizam que é por meio das festas e dos ritos que as pessoas transmitem ensinamentos.

Outrossim, a simples institucionalização da festa por meio de leis e recursos jurídicos e/ou administrativos, ajuda muito mas, sozinha ou isolada, não salvaguarda a mesma como patrimônio, visto que sua prática precisa ser perene e constantemente estimulada pelos seus realizadores. A salvaguarda, além de outros aspectos, emerge de uma equação entre política pública cultural e a capacidade de realização da festa por parte dos detentores do Bem.

## Considerações Finais

Neste trabalho, evidenciamos alguns elementos e reflexões sobre a Festa de Folia de Reis realizada na zona rural do município de Firminópolis, próximo do município de São Luís de Montes Belos, no estado de Goiás. Buscamos desvelar algumas tensões que permeiam a realização da Festa e a relação destas com a sua possível descontinuidade, uma vez que, não se sabe como e quando acontecerá sua próxima realização, cuja previsão era para o ano de 2023, o que ainda não aconteceu. Alguns aspectos apontam e justificam sua possível descontinuidade, mas ainda assim não podemos inferir e pontuar especificamente o que pode impulsionar sua não realização, já que a Festa é

composta por arranjos distintos e subjetivos, sobretudo porque envolve a organização social e identitária do grupo de pessoas que com ela está envolvido.

Pudemos inteirar, no entanto, que a pandemia da Covid-19 contribuiu para a mudança das relações sociais na sociedade como um todo, mudança essa que ainda não foi mensurada pontualmente, mas que pode ser percebida como um todo, inclusive no **modus operandi** do grupo de pessoas envolvidas com a Festa de Reis do Campo Grande. Talvez o medo da contaminação pelo vírus, quando já era permitido novamente as aglomerações, perpetuou, diminuindo a frequência dos encontros entre as pessoas e retirando-as das convivências sociais, antes mais comuns, de forma que parece mais trabalhoso reunir-se em prol da realização de algo e, neste caso, da Festa.

Outras interferências, como por exemplo, aquelas ligadas à oferta de entretenimento pelas tecnologias digitais e os novos aprendizados derivados desse contexto, parecem contribuir para a descontinuidade da Festa, que é um patrimônio cultural imaterial da região onde é realizada. De certo modo, os novos recursos tecnológicos imprimem uma outra configuração das formas de interação social tradicionais e desviam o enfoque do saber não formal daqueles sujeitos, no qual o aprendizado das celebrações e rituais festivos são transferidos de uma geração para a outra. Esse tema, pela sua complexidade e abrangência,

seria sem dúvida um outro objeto de estudo, já que está ligado à busca de outras formas de cultura pela juventude da região da Fazenda Campo Grande.

Em termos metodológicos, destacamos a tríade, pesquisa bibliográfica, depoimento e experiência na Festa. Na pesquisa bibliográfica pudemos recuperar considerações de Caillos (1989), Pelegrini e Funari (2008), Almeida e Souza (2008), Alves (2009), Brandão (2013), Cipriano e Clímaco (2015), Romero e Dos Santos (2017), Quadros e Barbosa (2019). Todos contribuíram de alguma maneira para enriquecer o olhar em relação à Festa e constituem-se em ferramentas teóricas de viabilização de análise da mesma. Contudo, a pesquisa bibliográfica foi entrelaçada com o depoimento dado por um dos detentores do Bem Cultural. A estratégia de colocar a transcrição da entrevista na íntegra, ao final do artigo, possibilita que outros autores possam realizar análises para além da que expusemos aqui, bem como queremos descrever aspectos da Festa para um registro documental. Fechando a tríade metodológica, destacamos que a experiência vivida na Festa por um dos autores do presente artigo, aproxima-nos da realidade da mesma e foi o determinante para criar as condições objetivas para a edificação deste artigo. Sem essa experiência, não seria possível ou seria muito mais difícil a coleta de dados e a descrição realizada.

Por fim, destacamos que a inusitada data em que é realizada a Folia de Reis da Fazenda Campos Grande, no mês de julho, apesar de contrariar o calendário religioso, foi a maneira mais fácil que os organizadores da Festa encontraram para atrair pessoas que não frequentam a zona rural. Tal ajuste na data constitui uma combinação comunitária entre os envolvidos, como em uma ação de marketing que visa atrair o maior número de pessoas diante das disponibilidades possíveis, o que gera um importante resultado e talvez seja a maneira mais efetiva de manter a Festa viva.

## **ENTREVISTA**

### **ETO:**

Olá! O senhor pode se apresentar antes de começarmos nossa conversa sobre a Folia?

### **JOÃO DA SILVA:**

Eu sou Aparício Tavares, atualmente trabalho no Rancho Camargo, na zona rural de São Luís de Montes Belos, na região de Jiboia, perto do Campo Grande também.

### **ETO:**

Como são essas regiões que você menciona? É algo delimitado?

**JS:**

Geralmente são as maiores fazendas que tem na região, para que as pessoas se situem, então a gente diz “é ali pras bandas da Jiboia” ou “é ali pras bandas do Campo Grande”. Geralmente, essas fazendas abrangem Firminópolis, Turvânia e São Luís. O cemitério do Campo Grande é no município de Turvânia, atravessou o corguinho ali, é no município de Turvânia. E, Turvânia tá mais longinho, se formos pensar. Também tem aqui na proximidade o município de Adelândia, conhecido como Quiabo. E a Reforma, Reforma é a corruptela, fica há 5 km aqui da fazenda que trabalho.

**ETO:**

Você nasceu em que ano e quando começou a frequentar a folia de reis aí?

**JS:**

Eu nasci em 1990 e fui morar na fazenda quando era pré-adolescente, eu tinha de 11 pra 12 anos já. Mas antes de vir morar aqui, já tinha a folia e nós vivenciávamos. Quando criança, eu gostava, gostava de ouvir o barulho das caixas batendo, do batuque, que é bem compassado, bate três vezes e depois cinco seguidas e três novamente. E nesse intervalo, bate apenas um. E repete o ritmo. Eu também gostava muito do pandeiro, quem tocava fazia ele tremer com o dedão. Depois, mais tarde, que eu fui percebendo a

música em si, o que a cantoria falava. No começo eu não entendia, mas quando eu tinha uns 15 anos de idade, e aí sempre fala do nascimento de Jesus, sobre o Natal, 25 de dezembro.

**ETO:**

É comum a Folia começar logo após o Natal, porque aí em Campo Grande vocês fazem em julho?

**JS:**

Geralmente, a Folia mesmo é em janeiro. Aqui porque o pessoal vem muito de Goiânia, então era necessário ocasionar com a data das férias da maioria das pessoas que viriam, pra preparar a festa e dar mais gente. Talvez antigamente, fosse por conta do período de chuvas de janeiro, o que poderia atrapalhar os deslocamentos, mas agora não mais, não chove tanto em janeiro mais aqui. Teve uma época que a gente morava ali naquela casa atrás do matinho, não sei se você lembra, aquela casa de pau-a-pique, e tinha um tempo que a Folia, se não me engano, rodava quinze dias, tinha os pousos, mas essa lá em casa durou uma semana, o pessoal todo lá em casa, eu até tentei aprender a tocar sanfona, eu guardo isso como memória, lembro como se fosse hoje.

**ETO:**

Sim, eu me lembro da casa de pau-a-pique, mas não estive nesta Folia específica. Percebo que tem uma

afetividade em relação à Festa. Como você enxerga a importância da Folia para as pessoas aí do Campo Grande?

**JS:**

Pra mim assim [...] é uma festa, mas é um momento de religião, que muitos [...] as pessoas mais antigas que não estão entre nós mais, não têm como explicar para os mais novos que estão vindo ou para os da nossa geração e eu acho que daqui dez anos, não vai ter mais folia. Agora está bem menos frequente, teve a de Diamantina, um outro distrito que acho que pertence à Fazenda Nova, antes de Jussara, mas lá não é nosso reduto. Minha vó... quando ela foi festeira, a gente ficou até 4 horas da manhã, festando né, depois da Folia.

**ETO:**

Você acha então que não teremos mais Folia, que essa prática de repassar para os mais novos vai acabar?

**JS:**

Assim, não é só uma prática, hoje em dia tem a tecnologia, então as pessoas acabam gravando a Folia. Então se a geração mais nova, olhasse por esse lado e alguém tivesse interesse, iria pra frente, mas não tem mais interesse. Os costumes e o estilo de vida... porque se você pegar a nossa geração e algumas para trás, as pessoas iam na folia com interesse e vontade, às vezes, de tocar um

instrumento ou pra ser um folião, vontade de ser um folião no futuro.

**ETO:**

Você acha que a pandemia aprofundou essa desagregação da Folia?

**JS:**

Com certeza! Também pela morte das pessoas, de não se aproximar das pessoas, com medo de pegar o corona vírus. O fato de ser proibido se aglomerar e até quando foi permitido [...] sempre tinha aquele medo de se eu for e pegar [...] e aí acabam não indo, até mesmo quando a pandemia acabou, esse medo perdurou.

**ETO:**

Mas existe um núcleo de pessoas que organizam a festa? São homens, mulheres?

**JS:**

São ambos os sexos. Geralmente assim, uns 20 anos atrás, você marcava uma Folia, com 4 meses de antecedência e você ia na casa do Guia da Folia e marcava com ele, se ele podia ir, o dia certo. Aqui pra gente, sempre era o Duinha, ele ainda é vivo, mora em Trindade. Ele é o Guia até hoje, depois passou para o seu Zico, depois o Lôrinho, aí o Lôrinho faleceu [...] tem uns dois anos que ele faleceu, de infarto. Assim [...] o pessoal daqui sempre ia pra



ver o Duinha cantar na frente, porque era muito bonito ver ele cantando. Era sempre muito bonito ver ele cantando, pra quem gosta de Folia mesmo, era emocionante. O pessoal mais velho, seu avô, minha avó, sempre emocionava quando ele começava a cantar, o tio João, tio Norçalino, irmãos do meu pai [...]

**ETO:**

Sim, meu avô gostava muito, eu me lembro das fitas com as músicas de Folia que ele ouvia... E pra Folia acontecer, além da música, o que não pode faltar?

**JS:**

Fé e ânimo.

**ETO:**

E o que é o ânimo?

**JS:**

O ânimo é você chamar seus amigos e seus companheiros aqui na fazenda para te ajudarem, porque você não faz a folia sozinho, você ganha o porco de um, um frango de outro, a leitoa de outro, a vaca de um vizinho, o macarrão [...]. O tio João sempre doava o extrato e o macarrão, não importava a quantidade que fosse. Era uma promessa dele. Agora ele morreu né?! Eu fui lá semana passada onde a gente morava e fiquei observando o lugar que ele gostava de se sentar lá.

**ETO:**

A folia é uma festa grande né?

**JS:**

A que teve lá em casa, foi uma vaca grande, de quase dezenove (19) arrobas, seis (6) porcos e cento e cinquenta (150) frangos, quase que não deu para todos [...] não sobrou comida, porque sempre quem é da família volta pra almoçar no outro dia e teve que fazer mais comida para o pessoal almoçar. Foi à noite essa.

**ETO:**

Eu nunca fui para participar da organização, mas como funcionava?

**JS:**

Ah sim, quando você chegava, a festa já estava acontecendo, mas você via tirando os grandes tachos do fogo. Era um trabalho grande, aliviado pelo companheirismo e também pela fé na promessa das pessoas.

## Referências

ALMEIDA, JANE DE; SOUZA, ANA GUIOMAR RÊGO. QUALQUER FESTA É FESTA? IN: PESAVENTO, SANDRA J. **SENSIBILIDADES E SOCIABILIDADES: PERSPECTIVAS DE PESQUISAS.** GOIÂNIA: ED. UCG, 2008.

ALVES, AROLDO CANDIDO. **FOLIA DE REIS: TRADIÇÃO E IDENTIDADE EM GOIÁS.** IN: SEMINÁRIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA UFG/UCG. 2009.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. **O QUE É EDUCAÇÃO.** SÃO PAULO: EDITORA BRASILIENSE. 2013.

CANESIN, MARIA TEREZA E SILVA, TELMA CAMARGO DA. **A FOLIA DE REIS DE JARAGUÁ.** GOIÂNIA: CECUP, 1983.

CIPRIANO, CARLOS; CLÍMACO, DENISE. **VIVA TODOS QUE PRESTARAM ATENÇÃO! DOC.** DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=BYzHAjDEf9G](https://www.youtube.com/watch?v=BYzHAjDEf9G). ACESSO: 28 OUT. 2023.

**FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE PIRENÓPOLIS - GOIÁS /** COORDENAÇÃO, YÉDA BARBOSA. BRASÍLIA, DF: IPHAN, 2017.

QUADROS, EDUARDO GUSMÃO DE; BARBOSA, RAQUEL MIRANDA. **A MEMÓRIA NOS GUIA: TRAJETOS E TREJEITOS DE UMA FESTA RELIGIOSA NO POVOADO DO BACALHAU – GOIÁS.** DOSSIÊ: REVISTA MOSAICO, v. 13, p. 76-89, 2020. E-ISSN 1983-7801.

DISPONÍVEL EM:

[HTTPS://SEER.PUCGOIAS.EDU.BR/INDEX.PHP/MOSAICO/ARTICLE/VIEW/7601/PDF](https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7601/pdf)

OLIVEIRA, EDUARDA TAVARES. **DEPOIMENTO** [NOV. 2023]. ENTREVISTADORA: OLIVEIRA, EDUARDA TAVARES. (ENTREVISTADO CONFIDENCIAL - PSEUDÔNIMO: JOÃO DA SILVA). 1 ARQUIVO .MP4 (25M). GOIÂNIA: DIGITAL LAB UFG, 2023. ENTREVISTA CONCEDIDA AO DIGITAL LAB UFG.

PELEGRINI, SANDRA C. FUNARI, PEDRO PAULO. **O QUE É PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL.** SÃO PAULO: EDITORA BRASILIENSE, 2008.

**A Folia de Reis da Região da Fazenda Campo Grande do Município de Firminópolis.**

Pablo Fabião Lisboa • Eduarda Tavares Oliveira

ROMERO, MÁRCIA CICCÍ; DOS SANTOS, SÔNIA MARIA. A HISTÓRIA ORAL, A MEMÓRIA E A ENTREVISTA. IN: **XII ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL**. ALTERIDADES EM TEMPOS DE (IN)CERTEZAS: ESCUTAS SENSÍVEIS. 2017. ANAIS. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.SUDESTE2017.HISTORIAORAL.ORG.BR/RESOURCES/ANAIS/8/1503276415\\_ARQUIVO\\_CONGRESSOHISTORIAORALBH.PDF](https://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anaais/8/1503276415_ARQUIVO_CONGRESSOHISTORIAORALBH.PDF)>. ACESSO EM: 15 NOV. 2023.

SANTOS, DANIELA OLIVEIRA DOS. RIOS, SEBASTIÃO. O ALTAR COMO PERFORMANCE NA RELIGIOSIDADE POPULAR. IN: DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS, PERFORMANCES E RITUAIS. **GIS - GESTO, IMAGEM E SOM - REVISTA DE ANTROPOLOGIA** 7 (1) SÃO PAULO, BRASIL, 2022. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.REVISTAS.USP.BR/GIS/ARTICLE/VIEW/185817/182578](https://www.revistas.usp.br/gis/article/view/185817/182578)>. ACESSO EM: 11 FEV. 2024.